

# Teses de Bresser (1)

• Luiz Carlos Bresser Pereira é o economista brasileiro mais publicado no exterior. Procura explicações novas para os problemas antigos e novos. Como são inovadoras, suas teses encontram acolhida nas editoras acadêmicas que não se interessam pelos ensaios da maioria dos outros, que só repetem o que aprenderam nos livros das faculdades anglo-saxônicas.

Em meados de 1999, ao sair do Ministério, Bresser foi para Oxford.

A prestigiosa universidade inglesa era um lugar ideal para que tivesse tranquilidade para escrever e para encontrar, no Centro de Estudos Brasileiros, interlocutores para debater suas idéias. Bresser, professor da Fundação Getúlio Vargas e da USP, leva extremamente a sério sua vida acadêmica. Tem paixão pela especulação e por explicar, paixões indispensáveis aos bons professores. Seu mal é pensar rápido e adiante do consenso de seu tempo, além de sofrer de um tique nervoso que o faz rir até em enterro e velório. Quando era ministro da Fazenda, no Governo Sarney, elaborou a teoria da securitização da dívida da América Latina, dando abatimento no estoque da dívida e aumentando os seus prazos através da emissão de títulos do Tesouro, títulos cotados nas bolsas. Teve a idéia e partiu para Washington para apresentá-la ao secretário do Tesouro, Nicholas Brady. Não tomou a precaução de testá-la com os banqueiros de Nova York ou com os tecnocratas do Governo americano. Brady assustou-se com a proposta e, sem examiná-la a fundo, declarou-a logo um *non starter*, ou seja, uma impossibilidade. Meses depois, adotou-a, defendeu-a perante o mercado financeiro e acabou transformando-a na política americana conhecida como Plano Brady. As dívidas foram renegociadas e as emissões especiais dos títulos que sustentam a renegociação passaram a ser conhecidos por bradiés. Da origem da idéia e de seu autor, ninguém lembra.

O principal resultado da estadia oxfordiana de Bresser foi um longo ensaio de 13.000 palavras sobre as razões da estagnação brasileira e latino-americana dos últimos 20 anos, na qual, pela primeira vez, se introduz na análise, como fator determinante, a ignorância e a incompetência dos formuladores das políticas econômicas e dos redatores das propostas de reformas.

Ao longo do ensaio, Bresser distribui críticas a torto e direito, embora procure aliviar as responsabilidades dos colegas, dizendo que sua ignorância se deve ao fato de a macroeconomia ser uma matéria recente, tendo sido inventada por Keynes há menos de 70 anos, e de os economistas não serem geralmente treinados para análises históricas.

Um dos seus muitos alvos

são as célebres agências de avaliação de riscos, que classificam os países de forma a influenciar o rumo dos investimentos. Bresser diz que os analistas dessas agências sabem muito pouco sobre a economia, a política e a sociedade dos países que julgam. Dá o exemplo da Economic Freedom World, uma agência que considera a China um país mais livre que o Brasil e o Peru, um país economicamente mais atraente que a Dinamarca.

Esse tipo de estupidez não é detectado pela maioria dos investidores, que segue as opiniões das agências, como a Moody's, e pela imprensa, que a publica como se fosse coisa séria. O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, conhece a influência das empresas e já escalou um de seus diretores, Sérgio Wernag, para fornecer-lhes informações fidedignas.

Para Bresser, os principais vilões, responsáveis pelos 20 anos de estagnação do crescimento econômico da América Latina em geral e do Brasil em particular são, além da ignorância e da incompetência dos formuladores e executores das políticas econômicas, as tentativas de crescer através de poupanças alheias, que produziram a crise da dívida externa dos anos 70 e 80; a política de manter moedas sobrevalorizadas em relação ao dólar, que, no Brasil, passou a dívida interna, tradicionalmente de cerca de 2% do PIB para 50%; e o esforço de mostrar-se merecedor de credibilidade perante os investidores internacionais, de maneira bem comportada, obedecendo às regras que Paul Krugman chama de "jogo da confiança".

Bresser considera que tanto os economistas de direita como os de esquerda se negam a pensar em termos históricos. Diz ele que, diante de um fato histórico novo, a estagnação, não adotam um raciocínio histórico, e não é por ser ele difícil, vulnerável a distorções ideológicas, mas porque obriga à identificação das mudanças e a lidar com elas. Isto é sempre doloroso. Lidar com mudanças exige que se pense e não apenas repetir os estereótipos. Diz ele que está em moda falar-se da aceleração das mudanças tecnológicas e sociais mas, quando interesses e ideologias estão em causa, é muito mais fácil adotar-se algum tipo de sabedoria convencional. (Amanhã tem mais Bresser)